

lor de troca por valor de uso. Acabaria por subtrair espaços crescentes à lógica da acumulação capitalista. Essa é a razão pela qual a sociedade do tempo livre depende, fundamentalmente, de um projeto anticapitalista, de um projeto "de esquerda" — mesmo que uma parcela da esquerda clássica ainda custe a perceber isso.

IIb. Viver sem trabalhar?*

Por que trabalhar? Trabalhar é uma necessidade? Ou é apenas um meio de ganhar a vida? Ou a única maneira — por mais imperfeita que seja, na maior parte das vezes — de se inserir na sociedade, de estar em relação com os outros, de escapar ao isolamento e ao sentimento de inutilidade? Ou tudo isso ao mesmo tempo?

Tememos o desemprego por que gostamos de trabalhar ou apenas porque, levando tudo em consideração, o desemprego nos coloca numa dependência ainda pior que esse trabalho que maldizemos quando somos obrigados a realizá-lo? Mas, suponhamos que podemos viver sem trabalhar; o que escolheríamos: trabalhar mesmo assim ou administrar de outro modo nossas ocupações e nosso tempo?

Toda uma vertente desta pesquisa tenta explorar essas questões e desmanchar, por meio de cruzamentos de informações de diversas fontes, as reações de defesa que tais questões podem provocar por

* Comentário a uma pesquisa da S.O.F.R.E.S., publicado em *le Nouvel Observateur*, 4 de dezembro de 1978.

QUADRO I

Você acha que todos os franceses em idade de trabalhar deveriam ser obrigados a fazê-lo?

	Total: 100	Sim	Não
		%	%
Conjunto da população	75	24	
IDADE			
18 a 24 anos	52	47	
25 a 34 anos	67	32	
35 a 49 anos	81	17	
50 a 64 anos	79	20	
65 anos e mais	89	10	
PROFISSÃO			
Agricultor, assalariado agrícola	88	12	
Pequeno comerciante, artesão	76	22	
Quadro superior, grande comerciante ..	48	50	
Quadro médio, empregado	60	39	
Operário	84	14	
Inativo, aposentado	81	18	
SETOR DE ATIVIDADE			
Assalariado do setor público	63	36	
Assalariado do setor privado	68	30	
Conta própria	86	13	
NÍVEL DE INSTRUÇÃO			
Primário	88	11	
Secundário	72	26	
Técnico ou comercial	66	33	
Superior	46	54	

seu caráter insólito. Isso porque, quando se passa a maior parte da vida trabalhando sem se retirar disso qualquer prazer, pode ser preferível não se colocar a questão de se isso tem um sentido, de se isso serve para alguma coisa. Trabalho-sacrifício; trabalho-álibi; trabalho-droga; trabalho-justificativa; trabalho-maldição; trabalho-sofrimento; trabalho-aborrecimento — tudo isso se mistura. Há milhões está escrito que “ganharás teu pão com o suor do teu rosto”. Seria ímpio recolocar em questão essa necessidade.

Desse modo, quando se lhes pergunta se todas as pessoas em idade de trabalhar deveriam ser obrigadas a fazê-lo, os franceses respondem “sim” em impressionante maioria: 75%. Sem se dar exatamente conta, pronunciam-se, dessa forma, em favor do trabalho das mulheres, do trabalho das pessoas com mais de 60 anos, do ingresso dos jovens na vida ativa desde a idade de 18 ou mesmo de 16 anos — coisas essas que, respondendo a outras questões, os franceses afirmam não desejar.

O princípio do trabalho obrigatório para todos é defendido com particular energia pelos mais idosos (89%), pelos trabalhadores autônomos (86%) e por aqueles de nível mais baixo de instrução (88%). As respectivas motivações certamente não são as mesmas. Os trabalhadores autônomos encontram em seu trabalho uma satisfação real e uma higiene de vida. Os menos instruídos, em compensação, que, em geral, são os mais pobres, sem dúvida acham que viver sem trabalhar é viver do trabalho dos outros e agravar-lhes sua própria pena. Quanto aos mais idosos, como se verá adiante, vivem sua inatividade forçada como uma maldição pior do que o trabalho.

Entre os mais instruídos e entre os mais jovens, em compensação, o princípio do trabalho obrigatório é bastante contestado: 47% dos jovens e mesmo 54% dos que têm uma instrução superior pronunciam-se contra o trabalho obrigatório (Quadro 1).

Mas nossas surpresas ainda não acabaram. Quando se pergunta aos franceses se, em termos pessoais, gostariam de poder viver sem serem obrigados a trabalhar, seus princípios desmoronam: é como se o trabalho obrigatório fosse para os outros. Nada menos do que 43% dos adultos, 44% dos operários, 51% dos mais jovens, 55%

dos eleitores comunistas se sentiriam muito bem sem a obrigação de trabalhar.

Fato notável: se a preferência por uma vida sem obrigação de trabalho é particularmente acentuada para os assalariados do setor privado (47%), ela cai para 30% entre as pessoas com mais de 65 anos, para as quais, é evidente, a inatividade e a solidão pesam. Para os trabalhadores independentes, a preferência por uma vida sem trabalho obrigatório cai para 29% e tende a desaparecer completamente entre os agricultores (quando diferenciados dos trabalhadores agrícolas). (Quadro II).

Moral da história: aceita-se a disciplina que todo trabalho implica sob a condição de escolher sua profissão e de saber o que se faz. O que se rejeita é o trabalho imposto, com sua hierarquia e seus horários.

É, aliás, o que confirmam as respostas dadas a uma outra questão da pesquisa¹. Constatou-se que 69% dos mais jovens, 74% dos que passaram pela universidade e ainda 63% dos que têm um nível de instrução secundário atribuem maior importância ao interesse que um trabalho representa do que à sua remuneração. É verdade que essa preferência diminui com a renda: apenas um terço dos operários (o que, aliás, não é uma proporção desprezível) têm essa preocupação.

Mas o que mais chama a atenção é que os mais jovens não hesitam quanto ao sentido da questão: apenas 1% "não sabe". Desse modo, os mesmos que contestam mais maciçamente o trabalho obrigatório reivindicam também mais decididamente um trabalho que os interesse.

A atitude com relação ao trabalho, como se vê, muda completamente caso ele seja imposto ou possa ser livremente escolhido, caso seja obrigatório ou, ao contrário, o acesso a ele proibitivo. Em sua grande maioria, os jovens iniciam sua vida ativa aspirando a um trabalho "interessante" onde possam investir o melhor de suas energias. O dinheiro não é o essencial. Mas, progressivamente, à força

¹ Essa pergunta era: "Entre um trabalho interessante mas não muito bem pago e um trabalho pouco interessante, mas bem pago, qual você escolheria?"

QUADRO II

Gostaria de poder viver sem ser obrigado a trabalhar?

	Total: 100	Sim	Não
		%	%
Conjunto da população	100	43	57
SEXO			
Homem		35	65
Mulher		50	50
IDADE			
18 a 24 anos		51	49
25 a 34 anos		47	53
35 a 49 anos		44	56
50 a 64 anos		43	57
65 anos e mais		30	70
PROFISSÃO			
Agricultor, assalariado agrícola		22	78
Pequeno comerciante, artesão		38	62
Quadro superior, grande comerciante ...		45	55
Quadro médio, empregado		46	54
Operário		44	56
Inativo, aposentado		44	56

de decepções, essa aspiração se extingue. O trabalho tende a se tornar um ganha-pão. Pede-se a ele, antes de mais nada ou somente, que dê dinheiro, pois também é preciso, passada a idade de 24 anos, de "alimentar a família". A própria idéia de que o trabalho poderia ser gratificante deixa de existir: a questão não tem mais sentido para 16% dos franceses de meia-idade.

Valorização, portanto, do que o trabalho *poderia* ser; desagração com relação ao que *é* na realidade. Duas maldições inversas nos espertam e é impossível decidir qual é a pior: ter que viver sem poder trabalhar ou ter trabalho que impede de viver.

Não seria possível se conciliar o trabalho e a vida? A automação, a informática não poderiam ser os meios para isso? Para além da sociedade do desemprego, não permitem elas que se imagine uma sociedade diferente, em que o trabalho fosse melhor distribuído, em que todos tivessem mais tempo livre? Para além da sociedade do trabalho obrigatório, não permitiriam entrever uma sociedade do trabalho voluntário, da atividade livre?

Esses temas encontram visivelmente um forte eco entre os franceses de menos de 50 anos: somente 3 a 4% (V. Quadro III) não têm opinião sobre o que poderiam ser sua vida e suas atividades livres se trabalhassem menos de 30 horas por semana. Todos, seja qual for a idade, o sexo, a tendência política, a profissão (com a única exceção, parece, dos professores, cujos horários muitas vezes são flexíveis), privilegiariam, em primeiro lugar, sua vida familiar. Isso era previsível. Essa preferência, compreende-se, é particularmente acentuada entre 25 e 34 anos: é a idade em que se constrói o casal e em que se gostaria de passar mais tempo com os filhos.

O elemento gritante, e inesperado, contudo, é a grande proporção dos franceses que antes prefeririam fazer mais coisas eles mesmos, do que comprá-las prontas: 39% do conjunto dos adultos, 42% das mulheres, 45% dos operários expressam essa preferência. E 25% dos franceses, 36% dos eleitores comunistas, 39% dos mais instruídos, 43% dos sindicalizados desejariam participar da gestão de sua comuna.

Duas França se defrontam diante de quase todas as questões que implicam um julgamento de valor: de um lado, um grupo constituído majoritariamente de jovens, mulheres, sindicalizados e pessoas dotadas de um nível de instrução elevado ou que têm um trabalho não subalterno; do outro lado, um grupo constituído majoritariamente por trabalhadores não-sindicalizados, pessoas que passaram dos 50 anos, e trabalhadores pouco qualificados, assalariados ou não.

QUADRO III

Se a duração do trabalho fosse reduzida a menos de trinta horas por semana, o que você faria do seu tempo livre...

	Ler, ir a espetáculos	Participar da gestão de sua comuna	Ver mais amigos, sair e receber mais frequentemente	Fazer mais coisas por conta própria, com prar menos coisas fora	Vida em família	Aprender outras coisas práticas, por exemplo, marcenaria, costura, etc.	Sem opinião
	%	%	%	%	%	%	%
Conjunto da população	32	25	22	39	53	32	7
Homem	29	29	26	35	50	28	9
Mulher	34	20	18	42	57	36	5
IDADE							
18 a 24 anos	37	20	31	40	49	43	3
25 a 34 anos	38	26	24	39	61	41	4
35 a 49 anos	35	31	17	43	54	33	4
50 a 64 anos	29	26	22	40	54	25	7
65 anos e mais	20	16	18	30	46	19	17
PROFISSÃO							
Agricultor, assalariado agrícola	17	20	14	42	52	23	12
Pequeno comerciante, artesão	22	31	24	33	56	33	11
Quadro superior, grande comerciante	52	45	32	26	42	35	5
Quadro médio, empregado	49	33	27	42	52	36	3
Operário	21	23	19	45	55	41	2
NÍVEL DE INSTRUÇÃO							
Primário	20	18	19	39	54	27	9
Secundário	42	24	22	37	59	37	5
Técnico ou comercial	38	31	21	45	58	39	3
Superior	52	39	33	29	41	36	5
SINDICALIZAÇÃO							
Sindicalizado	42	43	18	32	57	34	4
Não-sindicalizado	32	24	26	44	50	36	5
PREFERÊNCIA							
PARTIDARIA							
Partido comunista	35	36	21	43	56	30	2
Partido socialista	32	20	23	43	53	35	6
U.D.F.	35	31	24	35	56	30	7
R.P.R.	33	22	23	38	57	36	4
Não se pronunciaram	22	18	18	34	53	27	13

* O total é superior a 100, pois as pessoas interrogadas puderam dar mais de uma resposta.

A fronteira entre essas duas Françaes só raramente coincide com a fronteira entre a direita e a esquerda. Ao contrário, atravessa os partidos e as classes sociais, embora o eleitorado de esquerda, em geral, seja mais nitidamente dividido do que o de direita.

Pode-se concluir dessa divisão que as perguntas estão mal formuladas ou que não têm importância real. Mas esse é exatamente o erro a ser evitado. Antes é preciso reconhecer a existência de uma crise cultural, a emergência de uma nova sensibilidade e de novos valores que, transcendendo as antigas fronteiras de classe, nem sempre encontram a expressão política que lhes convém.

III. Informática: qual sociedade?*

Dentro de dez anos nada mais será igual ao que é. Está em formação uma sociedade profundamente diferente, "capaz de trazer o pior ou o melhor". Nossos olhos ainda não sabem discernir os sinais da reviravolta em curso, mas nossas inteligências já estão como que tomadas pela perplexidade: cálculos econômicos, programas políticos, doutrinas sociais, critérios habituais de decisão, tudo o que compunha nossos quadros mentais "torna-se inoperante para descrever um mundo que progressivamente lhe escapa. O novo desafio é o da incerteza: não há boas previsões, somente boas perguntas".

Esse discurso, enquanto era sustentado por filósofos e sociólogos, provocava apenas a irritação na alta administração e nos meios políticos. Ora, acontece que o presente diagnóstico não emana de alguns "visionários" atormentados por "temores milenaristas", mas do oficialíssimo "Relatório sobre a Informatização da Sociedade" que, em nome da Inspeção Geral das Finanças, Simon Nora e Alain Minc redigiram por solicitação do presidente da República.¹

* Comentário ao relatório "Informatisation de la Société", por Simon Nora e Alain Minc (Paris, Le Seuil, 1978), publicado em *Le Nouvel Observateur*, de 22 de maio de 1978.

¹ "L'informatisation de la société", por Simon Nora e Alain Minc, *La Documentation Française*, 163 p., 22 F.

A mutação que eles tentam medir tem um triplo impulso: a crise econômica, a rarefação da energia e uma revolução técnica que sem dúvida permitirá que se supere a crise mas que, num primeiro momento, vai torná-la mais aguda: a revolução dos minicomputadores. Alguns fatos citados no Relatório Nora-Minc dão uma visão geral a esse respeito.

Um computador que, há 25 anos, teria ocupado uma sala inteira, atualmente cabe numa pastilha, ou "chip", que é menos da metade da unha de um dedo mindinho. Há 15 anos, a potência de cálculo que tem um minicomputador teria custado 150 mil francos. Atualmente custa menos do que 3.500. "Com uma potência igual, um componente que valia 350 francos há dez anos, atualmente vale um centímo. Se seu preço tivesse sofrido uma evolução comparável, o mais luxuoso dos Rolls Royce custaria hoje um franco²".

Desse modo, potências e velocidades de cálculo até então reservadas às grandes administrações e às firmas mais ricas encontram-se agora ao alcance das pequenas empresas e mesmo de simples indivíduos. "Todo empregado, de agora em diante, poderá se utilizar de um pequeno computador ou de um 'terminal inteligente' após um breve período de aprendizagem." E qualquer particular poderá, por simples demanda, obter instantaneamente, em sua tela de televisão, uma massa praticamente ilimitada de informações.

Das possibilidades dessa tele-informática ou "telemática", a maior parte dos autores — com a notável exceção de Jacques Atali, cuja obra fundamental³ completa o Relatório Nora-Minc — só dedicou até aqui sua atenção ao aspecto de "gadget". Na verdade, esse aspecto é bastante espetacular.

A transmissão das informações assim como as comunicações à distância serão feitas através de televisão a partir da próxima década. O jornal será escrito nessa pequena tela. E também as cartas.

2 A relação proporcional entre 350 francos e um centímo (ou seja, 35.000) é calculada a partir do preço do componente eletrônico "médito". No caso da Rolls-Royce, os autores tomaram uma relação de 350.000 (dez vezes maior) correspondente à relação extrema entre o preço do componente mais caro de há dez anos e o do mais barato dos componentes atuais.

3 *La Nouvelle Economie française*, Paris, Flammarion.

Os impressos, inclusive os livros, tenderão a desaparecer: as bibliotecas se dissolverão diante dos bancos de dados que, sob demanda dos assinantes (mas quem não será assinante?), apresentarão na tela de televisão, em primeiro lugar, a lista das obras capazes de interessar o demandante e, em segundo lugar, os capítulos, às páginas, os parágrafos que contêm a informação ou o conjunto de informações desejadas.

"Correio eletrônico, serviço de mensagens televisuais, acesso a bancos de dados, jornal a domicílio, vídeo-conferências", a telemática fará uma reviravolta no ensino e também na medicina e, de um modo geral, na cultura: para conversar com os computadores, para consultá-los, mas também para alimentá-los de informações, há de se impor um novo tipo de linguagem, a linguagem-máquina, que condicionará o modo de pensar e de se comunicar com os outros. "Co-dificadora e sumária", essa linguagem favorecerá uma cultura classificatória e fragmentária. As classes mais cultas, de início, irão apropriarem da nova linguagem e dela tirarem partido.

Por outro lado, a telemática tenderá a banalizar certos conhecimentos especializados e a desvalorizar os especialistas, principalmente os especialistas em medicina. O generalista poderá, através de um banco de dados, fazer interpretar um eletrocardiograma, por exemplo, e ser ele próprio substituído, nos atos de rotina, por auxiliares médicos e talvez mesmo por máquinas que permitam o auto-diagnóstico e o auto-tratamento. "Todo o mal-estar social será transferido para a medicina a partir do momento em que suas estruturas tradicionais forem colocadas em questão".

Do mesmo modo, a natureza, a estrutura e os valores do ensino escolar serão revolucionados pelas máquinas de auto-ensino: as noções de programa, de cursos, de disciplina e a própria tarefa dos professores entrarão em crise por causa "dessa revolução copernicana da pedagogia".

Disso resultará uma "democratização" da cultura ou, ao contrário, uma hierarquização ainda mais acentuada, embora diferente, da atual? O Relatório Nora-Minc deixa a questão em aberto sem, contudo, excluir a resposta dada por Jacques Atali em *La Nouvelle*